

# HÁ PRECEDENTES: ESTÓRIAS(S) DE UMA LEITURA

THERE ARE PRECEDENTS: STORY(IES) OF A READING

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p52-65>

Felipe Marcondes da Costa <sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto reflete sobre meu encontro com um volume anotado do livro *O senhor Henri e a enciclopédia*, de Gonçalo M. Tavares. A interpretação que se depreende das anotações desdobra de modo inusitado a aparição de um elemento textual que, à primeira vista, assemelha-se a um mero deslize de revisão da edição, mas que, colocado sob escrutínio, tem potencial para reordenar em redor de si todo o material textual. Tal deslocamento dá margem para que se tenham considerações acerca de horizontes críticos na contemporaneidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Gonçalo M. Tavares; Literatura contemporânea; Literatura portuguesa; Interpretação.

## ABSTRACT

*This text reflects on my encounter with an annotated volume of the book *O Senhor Henri e a enciclopédia*, by Gonçalo M. Tavares. The interpretation that emerges from the annotations unfolds in an unusual way the appearance of a textual element that, at first glance, resembles a mere slip in the revision of the edition, but which upon further inspection has the potential to reorganize the entire textual material around itself. This displacement gives rise to considerations around critical horizons in contemporaneity.*

## KEYWORDS

*Gonçalo M. Tavares; Contemporary literature; Portuguese literature; Interpretation.*

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Um efeito curioso de passar da leitura de um autor canônico no mestrado para a de um autor ainda efervescente no doutorado é que Herberto Helder era um nome que as pessoas reconheciam – isso quando já não o tinham lido –, enquanto Gonçalo M. Tavares, mais do que um nome novo que me obriga a repeti-lo – pois raramente alguém não interessado em literatura contemporânea capta de primeira –, instiga antes de tudo a curiosidade. Dedicar um estudo de fôlego a um autor vivo cuja obra segue em formação é uma aposta histórica do pesquisador, o que adiciona à curiosidade pela própria obra o interesse em tentar entender o que há nesse autor em particular que justifique a aposta. Esse desconhecimento do público em geral me proporcionou praticar atos generosos em proporções sem precedentes, já que pude presentear sem moderação arquivos digitalizados – piratas, evidente – de livros cuja capa levava “Gonçalo M. Tavares”. No entanto, num caso em particular, o presente acabou sendo um livro impresso, cujo encontro improvável se deu num desses saldões que oferecem uma diversidade de livros a dez reais cada – especificamente um que acontecia num shopping no centro de São Paulo. O volume em questão, *O senhor Henri e a enciclopédia*, na edição da Casa da Palavra (TAVARES, 2012a), dividia espaço com títulos que ocupavam espaço mais destacado, como *O Morro dos Ventos Uivantes, 1984* e *Kama Sutra descomplicado*.

Cabe referir um pouco ao presenteado. Velho amigo das letras – como não nega o insuspeito local em que nos conhecemos: uma oficina de poesia –, passamos juntos pela faculdade e pela verdadeira ilusão da ficção. Se após formado ele não escapou ao destino de trabalhar como professor, não cedeu à crítica e persistiu em sua produção, que abrangia ficção e poesia. Ainda na casa dos trinta sustenta intacto o desejo de viver somente de escrita. Por conta dessa pretensão, a novidade do meu doutorado nele se expressou, mais que na curiosidade comum a tantos, num certo ar de disputa, como se ali se erigisse um concorrente. Evidentemente não era comigo a concorrência, já que meu amigo não só se afastou da vida acadêmica, depois de formado, como sentia mesmo pavor de se desviar para a crítica literária. A concorrência que ele estabeleceu foi com o próprio Tavares. Meu amigo não é exatamente um leitor dos contemporâneos; quando o faz, em geral não é senão para se comparar ao que vem sendo feito. Quando comentei da trajetória do autor português, particularmente da clareza em separar os processos de

escrita e publicação, citando a passagem de quando ele resolveu tornar público seus escritos aos trinta anos e conseguiu publicar via concurso literário, meu amigo logo se posicionou dizendo que não escrevia para atender às expectativas de juris de concurso. Seu princípio é sequer se inscrever em concursos, segundo o próprio, a fim de evitar decepções, e procede do mesmo modo em outros aspectos da vida: evitar decepções é a prioridade. Trata-se do tipo que se apresenta como escritor, mas, em sua boca, o que poderia ser expressão de um onanismo egocêntrico soa quase burlesco. Esse é meu amigo, doravante G.

Ao presentear com livros, sempre busquei adequar a escolha do título tavaareano ao que eu conhecia do perfil de leitor do presenteado, trabalho em muito facilitado pela vastidão da obra do autor. Em geral, escolhia os livros mais curtos, já que a decepção me parece menor se o tempo dedicado à leitura também o for. G., contudo, considerava o livro digital uma desvalorização do trabalho do autor. A confluência de eu ter encontrado havia poucos dias *O senhor Henri e a enciclopédia* na liquidação facilitou minha escolha de presente, já que era o único livro impresso do autor que eu tinha disponível. E a verdade é que nem foi ele quem manifestou maior interesse em ler Tavares, fui eu que quis saber o que ele teria a dizer a respeito. Foi assim que ofereci como presente esse artigo de luxo que hoje representa o livro impresso.

Fiquei algum tempo sem receber notícias suas, até que nosso reencontro irrompeu em circunstâncias inesperadas. O modo como o regalo reverberou veio a fortalecer os argumentos de G. quanto à imprescindibilidade da impressão.

\*\*\*

Foi apenas alguns meses depois que voltamos a nos ver. Eu atravessava uma perda súbita, e G. prontamente se dispôs a me receber na quitinete em que vivia no interior de São Paulo. O período era adverso a ponto de levar alguns dias até me aparecer disposição para levantar e fuçar nas estantes com livros, o que revela o quanto minha identidade estava abalada: se leio para ser Felipe Marcondes da Costa, também leio para ser menos Felipe Marcondes da Costa; em suma, leio para ser. Nesses dias conturbados, eu, que começara a escrever por não saber falar, dedicava-me a longas sessões de conversa: a fé nas palavras então residia

menos na escritura que na cura pela fala. Uma vez mais, busquei arranjar sustento tecendo minha teia.

Aos poucos, a abertura ao espanto e à dúvida retornaram. A primeira parada da volta à curiosidade, numa tarde em que G. saíra para uma aula e permaneci sozinho na quitinete, foi numa das estantes de livros, quando a perambulação esbarrou com *O senhor Henri* encaixotado no canto superior esquerdo, alocado por motivos além-geográficos ao lado de Piglia e Borges – aliás, este tem um prédio inteiro para si n’“O Bairro” tavareano, gesto que recai na injustiça de não destinar sequer um apartamento de zelador a Piglia. Ao ver o volume muito bem conservado, imaginei que o exemplar permanecera intocado por todos aqueles meses. O fato de este texto existir é a prova da precocidade de meu julgamento.

Meu amigo G. o havia lido. E lido bem, como comprova a anotação que encontrei logo ao abrir o exemplar. Vendo o desenho em que figura “O Bairro”, ele percebeu se tratar de uma série que remetia a autores e artistas, mas não identificou o citado senhor Henri. Antes de recorrer ao Google, imagino, buscou referentes no próprio livro, assinalando os nomes que se avizinhavam: senhor Melville, senhor Cortázar e senhor Gogol. Apaziguado com os nomes familiares e o “M.” que figurava após Henri, reconheceu Henri Michaux no edifício. Esse percurso fiz quase por intuição, me colocando no lugar de G., e a partir daí não pude deixar de percorrer o livro aplicando o mesmo método, ciceroneado por meu amigo que se revelava em intervenções frequentes.

Um de seus hábitos peculiares, que eu já conhecia de outros volumes, é o de circular palavras. Vale ressaltar que o português não é a língua materna de G., e que inclusive o carregado sotaque que conserva, mesmo tendo chegado ao Brasil ainda na primeira infância, valera-lhe muito *bullying* em criança. Depois de adulto, entretanto, o mesmo sotaque lhe garante muitas aulas de espanhol como professor nativo. Ouso dizer que a balança pesou em seu favor: há quem sofra na infância e siga com isso como uma questão não resolvida, já G. soube ressignificar a causa do *bullying* e a tornar um trunfo em seu trabalho. Quanto aos círculos, ele próprio não esclarecia, mas se fui bem-sucedido ao verificar um padrão no procedimento, dignas de serem circuladas eram as palavras que escapavam de seu vocabulário cotidiano. Em *O senhor Henri* irrompiam destacados apenas nomes próprios como Stradivarius, Guillotin, Hunaus.

Observar a pouca ocorrência desses círculos ressaltou a simplicidade do vocabulário que Tavares lança mão neste livro.

Já as anotações eram menos raras que seus círculos. Ainda que incisivas, foi talvez mais a localização das notas que me levou a recordar os versos de Brecht: “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. / Mas ninguém diz violentas / As margens que o comprimem” (BRECHT, 1973, p. 71). O rigor desmedido na leitura levou G. a um persistente tom de censura. No início encarei como pilhéria, mas à medida que a diatribe persistia a reiteração me incomodou. Seus comentários, mesmo no tom dominante de contestações – às quais tenho objeções –, permaneceram acompanhando a leitura do início ao fim, o que mostra que algo o fez permanecer no livro, nem que fosse a vaidade de praticar sem oposições seu julgamento particular. Das beiradas – mesmo involuntariamente, já que a leitura parecia viciada em ressaltar “defeitos” –, suas anotações espremiavam o texto central com tal violência que conseguiam extrair mais sumo do que alguém que, por demasiada admiração ao fruto, tornava-se incapaz de apertá-lo com a força necessária.

G. é adepto da tese de que todo autor escreve imaginando o leitor ideal. Comumente imagina-se esse leitor ideal com um tipo de boa vontade, alguém com grande disposição para ler com máxima abertura o texto. Nesse sentido, dialeticamente, meu amigo poderia ser caracterizado como o oposto do leitor ideal, isto é, como um anti-leitor, leitor que censura e mesmo modifica o livro de acordo com seus próprios critérios – uma espécie de senhor Eliot (TAVARES, 2012b). De algum modo, a filiação de G. a uma linhagem de autores que não encaravam os críticos com bons olhos o levou a incorporar a prática do exercício crítico como maldade. Contudo, a qualidade da atenção é determinante para a qualidade da experiência, e mesmo com uma intenção que poderia se nomear “má vontade” meu amigo realmente se dedicou à leitura. Como referi, nem que fosse pelo gosto por emitir juízos, alguma coisa o prendeu até o último texto do conjunto e, como esclarecerei adiante, levou-o inclusive a uma releitura. Arrisco dizer que foi a ambiguidade de seu gesto que gerou a particularidade da leitura que realizou.

\*\*\*



G. não interpretou essa ocorrência como um descuido de revisor. Jamais lhe ocorreu que pudesse ser um ato involuntário. Tentando seguir essa sugestão, a maior fantasia que minha parca imaginação concebeu foi evocar os monges copistas medievais que, por tédio, imaginação ou desespero, davam toques pessoais aos manuscritos apógrafos, acrescentando de seus claustros mensagens encapsuladas ao texto original. Pensei no revisor contemporâneo como uma versão atualizada do amanuense anônimo, um revisor que deseja dar sua contribuição à história da leitura. G., contudo, acreditou que o revisor havia feito perfeitamente seu trabalho ao não alterar em nada o original.

A qualquer leitor a presença do “s” passaria batida, mas G. não é um leitor qualquer, não ele, um hábil autor lendo outro autor que é, por sua vez, também um hábil leitor. G. assinala a frase da página 73, que ocorre em texto intitulado “A teoria”: “... o que é preciso é pensar no momento em que ninguém espera”. Não havia acaso: o que identificou só poderia ser uma chave de leitura. Por certo, fora um elemento habilmente inserido por Tavares, e reconhecer isso proporcionava acesso a uma camada textual mais profunda. Não à toa a aparição se revela quase ao fim do livro, na página 84 de um total de 95, desestabilizando toda a leitura até então. Desse modo, o leitor, já próximo do encerramento, não recommençaria de imediato o livro, finalizando a leitura antes de retornar ao início de uma coisa nova. G. decerto foi até o fim e reiniciou a aventura tomando como ponto fulcral aquele achado, um caractere perdido na diagramação. Assim o fez: buscar e rebuscar, colhendo e recolhendo. Já na caligrafia ficava claro o que eram as anotações da primeira e as da segunda leitura: numa a escrita era firme e cuidadosa, já na escrita febril as letras eram garranchos com poucas curvas. Eu, por minha vez, cheguei às impressões aqui apresentadas ao refazer o percurso, e então seus comentários se me revelaram com novo fôlego, como um código que quando interpretado torna o tédio curiosidade.

Bastariam algumas semanas, mas os anos de convivência fizeram com que eu soubesse bem que G. só avançava de obsessão em obsessão. Assim, pude reconhecê-lo: tudo em sua leitura deslizava como o s que encontrou. Identifiquei a reverberação sibilante inclusive no modo de destacar certos trechos, não simplesmente grifando-os, mas serpenteando à margem – imagino que os tenha feito na segunda leitura. Li de modo diferente a página 29, que tinha a seguinte passagem destacada do

referido modo: “Tive um eclipse privado, disse o senhor Henri para si próprio, satisfeitíssimo com os astros que conseguira ver no seu céu particular”. O mesmo se deu logo a seguir, na página 31: “... eu leio diariamente a enciclopédia para poder ter acesso a estas informações imprescindíveis – disse o senhor Henri”. Ou então, já na página 57: “... o microscópio é um instrumento inventado para fazer grandes as coisas pequenas, enquanto os políticos são instrumentos inventados para fazer pequenas as coisas grandes”. Ou mesmo o salto da página 59, o mais longo trecho serpenteado:

... visto numa lâmina de microscópio um rei é um conjunto de vermes de trinta cores diferentes – disse o senhor Henri.  
... o microscópio é o invento mais importante para a democracia.  
... um pobre ao microscópio tem tantos vermes e tantas cores como um rei.  
... se não tivesse sido inventado o microscópio não teria sido inventada a democracia.

É como se G. tivesse observado com um microscópio o “s” e a letra crescesse em proporção suficiente para que cada um dos pontos que a compõem se tornasse capaz de cobrir o livro todo. G. vislumbrou ligar esses pontos luminosos e conceber o s em sua inteireza, abarcando integralmente *O senhor Henri*. Agora, leio G interpretando o Gonçalo que escreveu *O senhor Henri*: “microscópio desfoque”, é o que meu amigo grafa ao pé da página 59.

\*\*\*

Por certo, sua leitura não é plana. Se a bebedeira é superficial, como anunciou o trecho decisivo da página 84, G. buscou mapear mais profundamente a estrutura que se mantém sóbria: os ossos. Pude perceber que meu amigo não seguiu o caminho mais curto entre dois pontos (l), mas estabeleceu um percurso que, a cada ponto cego imposto pelas constantes curvas fechadas (s), conserva a disponibilidade para o encontro com o espanto. Ele respalda essa leitura com um asterisco, que surge para ressaltar a passagem final da página 47, que reza “... para mim, mais importante que a ordem histórica é o L surgir antes do S – disse o senhor Henri”. A leitura de G. percorre o “s” por todos os sentidos; sabe que a ordem de conhecer do enciclopedista é a alfabética,





com descrença as palavras de um bêbado apenas a fim de ridicularizá-lo. G. se portou como um legítimo companheiro de balcão, alguém que aparece tarde no bar e, ainda que chegando depois, tenta acompanhar o adiantamento do colega de copo. A leitura de meu amigo não planou sobre as curvas do texto, mas seguiu firme no chão – e quando se vai ao chão, o que cai é o corpo todo.

\*\*\*

Encarando as anotações marginais de G. – em minha leitura, inevitavelmente elevado a co-autor –, examino a voracidade de um leitor que não lê o livro que existe, mas o livro que gostaria que existisse. Seu desejo, por si só, já constitui outro livro, esse livro que então se revelou para mim.<sup>2</sup>

Quando se abandona certa ingenuidade, persiste uma impressão de que quanto mais autoconsciente um texto é, mais algo de fundamental está escapando à leitura. E isso não se dá porque o texto esteja sendo lido com desleixo, pelo contrário: mesmo bem-feita a leitura está fadada à insuficiência, está de antemão em falta, já que a própria natureza dessa espécie de texto densamente autoconsciente é a multiplicidade, que leva à falência qualquer pretensa unidade totalizante. Não que esse modo menos ingênuo de leitura seja essencialmente melhor, é só que a partir de certo momento já não é uma escolha; uma vez que se lê assim, o processo é irreversível.

Meu costume de pensar contra mim, a lidar com minhas invenções ao ponto de dissecá-las para lidar com restos, leva a um estado constante de insuficiência. Se a impressão é que esse modo de pensar contra garante movimento, é preciso atenção para que as contradições não levem à inação. Por vezes sinto-me sem saída, exaurido como o rato da Pequena Fábula (cf. KAFKA, 2011, p. 171). Radicalmente diferente de mim, que por vezes me distancio do que penso, meu amigo parece se apoiar todo em sua descoberta e tirar dela energia para o movimento. Desconfio de

---

<sup>2</sup> Alejandro Zambra afirma que escrevemos para ler aquilo que queremos ler. Segundo o autor: “Se escribe para leer lo que queremos leer. Se escribe cuando no queremos leer a los otros. Pero la mayor parte del tiempo queremos leer a los otros; por eso no entiendo la envidia de Sting (o de Bono): muchas veces, casi siempre, queremos leer lo que escribieron otros; se escribe sólo cuando esos otros no han escrito el libro que queríamos leer. Por eso escribimos uno propio, uno que nunca consigue ser lo que queríamos que fuera. Decimos que no a la literatura para que la literatura, a su vez, nos diga que no. Para que el libro sea, siempre, un espacio que no esperábamos; una salida, pero no la salida que esperábamos” (ZAMBRA, 2012, p. 145).

toda leitura que se pretenda total, porém decantar o texto na leitura de G. o expandiu para mim – tanto que é sobre ela, a sua leitura, que escrevo. Creio que as palavras podem mover a escrita como um inimigo a vingança. G. serpenteia na página 63: “... nunca misturei o absinto com a realidade para não piorar a qualidade do absinto. / ... mais um copo de absinto, caro comendador. E sem um único pingo de realidade, por favor”. Reconheço a graça do raciocínio, mesmo não partilhando do ideal de pureza. Sou um entusiasta do hibridismo. Coloco açúcar no café e tomo manga com leite, o que demonstra de modo incontestável que não sou partidário de convenções nem me furto aos riscos que certas combinações podem oferecer.

\*\*\*

Saltando de minhas impressões acerca das anotações de meu amigo para o entendimento sobre o que de fato ele pensara, já me armara para perguntar se não lhe ocorrera ir atrás da edição portuguesa ou mesmo da edição digital para verificar se o “s” também figurava lá – recordei ainda a imprescindibilidade da edição para minha leitura do *Atlas do corpo e da imaginação* (TAVARES, 2013), em que o livro-objeto pensado como um tijolo assume papel decisivo. Meu objetivo era mergulhar seus pontos na desconfiança para que, caso tivessem fôlego, emergissem ainda mais sólidos, já que a tese não deixa de exercer certa sedução. Contudo, a tempo me dei conta de que para ele isso tudo pouco importa – verificação, comprovação, convencimento... Em verdade, o melhor mesmo em seu caso seria que apenas naquele volume, o volume que chegara a ele, figurasse aquele “s”. O melhor seria que o encontro entre aquele livro e aquele leitor fosse único, prova material da singularidade da leitura, seu *eclipse privado*. Seu prazer encontra satisfação nos comentários marginais anônimos e, apesar do narcisismo autoral, não recai em cabotinismo, discreto como um amante zeloso que se crê o único – e seguirá se sentindo único enquanto todos os outros amantes mantiverem segredo. Meu amigo se revelou, de um modo que eu não poderia ter imaginado, um autor que se contenta em servir de moldura para outro, que ocupa o centro. O único furo na realização do projeto era eu. Eu era o invasor, eu que lia o seu silêncio. E o observador, como se sabe, fatalmente transforma o que é observado.

Não foi no mesmo dia da descoberta do livro que o abordei sobre as impressões quanto a *O senhor Henri e a enciclopédia*. Quis estar familiarizado com as anotações antes de interpelá-lo. Como a instabilidade que eu atravessava ainda se refletia em minha concentração, isso levaria mais um dia. Mas essa mesma instabilidade que me afetava o desempenho não me permitiu levar a cabo o plano. Eu já me sentia mais leve ao longo do dia, retomada a capacidade de rir sem me culpabilizar, e pensamos que naquela noite já seria possível explorar os benefícios do álcool sem recair em abatimento nostálgico.

Parece-me que num instante resolvemos beber e, quando me dei conta, os copos já haviam se multiplicado algumas vezes aos pares. A imagem me recordou o fatídico livro, e me animei a fazer a transposição da filosofia de boteco. Casualmente lhe perguntei o que havia achado da leitura. Quase fui capaz de vislumbrar um chilrear inaudito em seu silêncio: *shhh*. Não sem algum constrangimento, G. me respondeu que ainda não tivera tempo de ler o livrinho – minha ebriedade não conseguiu identificar se o diminutivo era mais afetuoso que pejorativo. Ele então se ergueu para procurar pelo exemplar em sua estante e ali permaneceu, como uma pedra pesada submersa num rio bravo. Não insisti na pergunta, o que não quer dizer que, ao retornar à capital, eu tenha deixado de desconfiar. Talvez seja este seu modo de revelar suas descobertas: não dizendo explicitamente, mas escrevendo de modo cifrado. Quem sabe G. não tenha se embrenhado n’*“O Bairro”* e se deparado, na página 13 da edição de *O senhor Kraus* pela mesma Casa da Palavra (TAVARES, 2007), com uma vírgula muito sugestiva, suspeitamente deslocada. Teria sido ação do mesmo revisor sob a tentação de Titivillus? E se descobrisse ainda que o senhor Kraus tinha interlocução com o senhor Henri? Sinto curiosidade pelo estrago que ele teria feito a partir de uma “,”. Quem sabe ele não tenha mergulhado na obra de Tavares e esteja agora retirando do *Atlas* algum dos tantos trechos com potencial promissor para se tornarem epígrafes?<sup>3</sup> Desconfio que desta leitura algo ora inconfessável ainda surgirá.

---

<sup>3</sup> “A imaginação não é assim um ver correcto, pelo contrário: é um ver *errado*, um ver *que distorce*, um interpretar que falha. Mas este erro não é o erro de diminuir, de reduzir a intensidade, pelo contrário: é o erro que exagera, é um erro monstruoso, que aumenta um lado de modo desproporcional” (TAVARES, 2013, p. 383).

## REFERÊNCIAS

- BRECHT, Bertolt. *Poemas*. Trad. Arnaldo Saraiva. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- TAVARES, Gonçalo M. *O senhor Kraus*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- TAVARES, Gonçalo M. *O senhor Henri e a enciclopédia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012a.
- TAVARES, Gonçalo M. *O senhor Eliot e as conferências*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012b.
- TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.
- ZAMBRA, Alejandro. *No leer*. Buenos Aires: Excursiones, 2012.

Recebido em 1 de agosto de 2021

Aprovado em 22 de dezembro de 2021

Felipe Marcondes da Costa

Doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Portuguesa e bacharel em Letras-Português pela mesma Universidade. Dramaturgo com formação pela SP Escola de Teatro.

Contato: [gumpfelipe@gmail.com](mailto:gumpfelipe@gmail.com)

📄: <http://orcid.org/0000-0003-4393-0366>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – [Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.